

Sumário

11	<i>Apresentação</i>
15	<i>Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil</i> Márcia Abreu
41	<i>Macedo e o romance romântico</i> Karin Volobuef
53	<i>Quincas Borba: um romance, duas versões</i> Juracy Assmann Saraiva
69	<i>Luzia-Homem: um romance naturalista</i> Salette de Almeida Cara
89	<i>José Bezerra Gomes: o romance quer ser poema</i> José Américo Miranda
109	<i>Personagem feminina e múltiplas vozes em Crônica da casa assassinada</i> Elizabeth Cardoso
133	<i>O diabo provavelmente: luto e cisão comunitária em A hora da estrela, de Clarice Lispector</i> Emílio Maciel
153	<i>O romance de Osman Lins: experimentalismo e tradição</i> Maria do Carmo Lanna Figueiredo
167	<i>Três romances em interseção: a matemática na prosa brasileira contemporânea</i> Jacques Fux e Agnes Rissardo
185	<i>Historicização do romantismo e romance contemporâneo no Brasil</i> Pedro Dolabela Chagas
207	<i>Colaboradores deste volume</i>

Apresentação

Literariamente – podemos dizer – o romance inaugurou no Brasil a modernidade. Não que a poesia ficasse aquém dele, nem que não se tornasse moderna ela mesma, mas o romance representava a ascensão da ideologia burguesa naquilo que esta tinha de progressista. Adotar a forma romance significava, naquele momento, inserir-se na atualidade e compartilhar a promessa de civilização e benefício social, acreditando na autonomia do indivíduo e na clarificação do mundo. Os escritores importantes, que ajudaram a consolidar o romance em nosso meio, como José de Alencar e Machado de Assis, reconheceram prontamente o seu sentido moderno, explorando-o conforme suas potencialidades.

Com o passar do tempo, os tais ideais burgueses entraram na rotina, do ponto de vista social e econômico, mas a capacidade inventiva da forma romance não. Segmento de um sistema que precisa criar novidade sem parar, promovendo produtos ao gosto de todos, a chamada cultura letrada investiu na renovação incessante de formas. Os escritores foram diversificando técnicas e recursos de construção narrativa, facilitados pela natureza plástica e moldável do romance. No século XX, tivemos uma gama sortida de tendências estéticas: romance experimental, regionalista, intimista, realista-socialista, neorrealista, experimental novamente etc., sem esquecer que não são formas estanques e que tais tendências muitas vezes se imiscuem.

Neste número de *O Eixo e a Roda*, dedicado ao romance brasileiro, o leitor terá a oportunidade de conhecer a engenharia dessas diversas formas por dentro e o fará a partir da mediação de teorias e métodos também diversos: estudos de cunho histórico, sociológico, estilístico, psicológico e comparativista são alguns deles. A variedade de metodologias reflete, incontinentemente, a variedade de formas do romance, algo que, por sua vez, vai acompanhar o andar histórico da sociedade, suas transformações econômicas, ideológicas e culturais. Essas mudanças vão produzindo demandas novas na arte, motivando mudanças no campo da linguagem. Sociedade e literatura vão impondo (ou sofrendo, conforme

o caso) transformações uma à outra, processo pelo qual a forma do romance vai se apurando, no sentido de que cada vez mais a consciência que o romance desperta para a reflexão se volta sobre ele mesmo – como o leitor verá.

Andréa Sirihal Werkema
Gláucia Renate Gonçalves
Marcos Rogério Fernandes